

Dr. Robert Vannoy, Kings, Palestra 4

© 2012, Dr. Robert Vannoy, Dr. Perry Phillips, Ted Hildebrandt

Texto de Reis, História Deuteronomística, Ênfases Principais

Texto dos Reis no Texto Massorético (MT) e na Septuaginta (LXX)

Bem, vamos dar uma olhada na seção de texto então, e então o que acabei de distribuir, pegaremos começando com o versículo 15 e continuaremos. Agora, todo esse material é apenas introdutório, pelo que coloquei nas apostilas. Lembre-se de que na semana passada discutimos os nomes, conteúdo geral, estrutura do livro, autoria, fontes, idade da composição e, na página 13, chegamos ao “texto”. Então, vamos dar uma olhada primeiro na seção de texto e depois passaremos para o novo folheto. *A Introdução ao Antigo Testamento* de RK Harrison diz que o texto hebraico dos reis contém numerosas corrupções e, para fins de reconstrução, a versão da Septuaginta é uma ajuda inestimável. É mais curto que o texto massorético e pensado para preservar variações mais confiáveis. Em geral, a LXX é baseada numa forma mais pura do hebraico do que aquela que existe agora. Fragmentos dos livros dos Reis foram recuperados das cavernas de Qumran e parecem apoiar a visão de que existiu outrora um texto hebraico que estava mais próximo, em sua maior parte, daquele subjacente à Septuaginta do que daquele subjacente ao texto massorético, e que em certos casos, é superior a ambos.

Por exemplo, o que parece ser um segundo relato da ruptura do reino foi interpolado após 1 Reis 12:24 da versão Septuaginta. Narrou os eventos relacionados com a morte de Salomão e o reinado de Roboão e forneceu um relato da revolta de Jeroboão com alguma repetição de material de 1 Reis 11 e 12. Sweet conta que esta interpolação constituiu uma segunda e distinta rescensão da ruptura história, repousando igualmente com a primeira em um original hebraico. Qualquer que seja o valor deste relato específico, não há dúvida de que a Septuaginta e, ocasionalmente, a rescensão Luciana dela, são indispensáveis para o estudo textual do livro dos Reis.

Agora, isso é um material bastante técnico. Não quero entrar na discussão do texto de Reis. O texto dos Reis em alguns aspectos é semelhante ao texto de Samuel; é muito

complexo porque obviamente há, durante a transmissão, alguns erros que se infiltraram no texto. Também parece bastante óbvio que a Septuaginta é baseada em uma tradição hebraica diferente no que diz respeito aos antecedentes, e o presente texto hebraico é baseado no texto massorético, portanto, comparar pontos de diferença no que diz respeito a questões textuais torna-se uma questão altamente técnica. É um assunto complexo, e acho que na maioria dos casos há muita incerteza se, em um determinado caso, você prefere a leitura da Septuaginta à leitura massorética. Não tenhamos a impressão errada de que o texto de Reis é algo completamente não confiável. Eu diria que essas diferenças são geralmente pontos menores que não afetam a compreensão substantiva do texto. Em alguns casos, por exemplo, você terá um substantivo com um artigo e algum texto hebraico, mas sem o artigo na Septuaginta. Portanto, muitas das variações são coisas muito pequenas desse tipo, mas existem diferenças, e parece que em certos casos a Septuaginta pode preservar uma leitura preferível.

Embora Harrison, para continuar aqui, esteja indubitavelmente correto ao atribuir um papel importante à Septuaginta nos estudos textuais de Reis em geral, há uma área em que parece que isso não se aplica, a saber, a da cronologia. Por muito tempo se pensou que as cronologias dos Reis eram completamente duvidosas. Aparentemente, os tradutores da Septuaginta compartilhavam desse ponto de vista e frequentemente alteravam os números do texto na tentativa de eliminar alguns desses problemas. Edwin Thiele, em *Os Números Misteriosos dos Reis Hebreus*, demonstrou que o texto massorético, corretamente compreendido, preservou com precisão os dados cronológicos que, embora não compreendidos, foram transmitidos corretamente através dos séculos.

Sincronização da Cronologia dos Reis do Norte e do Sul Acabei de mencionar que acho que na última aula tivemos a sincronização dos reinados dos reis do norte e do sul. Quando você tenta resolver isso simplesmente somando os números, eles ficam fora de sincronia por um longo tempo, por centenas de anos. Isso era algo para o qual não havia solução até que Edwin R. Thiele escreveu este livro, *Os Números Misteriosos dos Reis*

Hebreus, e descobriu uma maneira de resolver essas diferenças. Mas você vê o que está sendo dito: apesar do fato de que os reinados aparentemente não sincronizaram, eles foram mantidos no texto, o que é realmente um testemunho da precisão da transmissão de pelo menos aquela parte do texto. Você esperaria que algo acontecesse, algo como com a Septuaginta, alguma modificação se fosse um aparente problema de sincronização. Assim, parece que pelo menos nessa área o texto massorético preservou o texto preferível. Como Gray *1 e 2 Reis*, página 45, diz: "Os números da Septuaginta representam esforços de harmonização da cronologia de notória complexidade. Geralmente eles simplesmente complicam o problema e revelam ignorância dos sistemas de datação em Israel e Judá. Depois de entender o sistemas de datação, muitas destas dificuldades de sincronização desaparecem." Mas até que isso fosse discutido por Thiele, havia muito pouca compreensão do problema.

Ainda há muito trabalho a ser feito na avaliação do texto de Reis. Veja o artigo "The Textual Criticism of the Old Testament", de Bruce Waltke em *The Biblical Criticism: Historic, Literary and Textual*, Zondervan, 1978. Acabei de mencionar isso sobre os textos para que você tenha pelo menos alguma idéia de aquela questão.

Vamos para aquela nova apostila. Thiele está sendo impressa agora na nova edição, uma edição mais recente que a edição anterior. Ele também escreveu uma espécie de resumo breve e popularizado de seu trabalho maior. Foi publicado, e acho que se chamava *A Cronologia dos Reis Hebreus*, e é um pequeno livro que foi realmente um bom resumo da obra maior; mas esse pequeno livro ainda não está sendo impresso, infelizmente, mas o trabalho maior está.

História Deuteronomística A teologia deuteronomista da história nos últimos 35 ou 40 anos viu surgir um debate completo, complexo e contínuo sobre a natureza e o propósito do que foi chamado de "História Deuteronomística". Grande parte deste debate diz respeito ao objetivo ou propósito teológico do historiador, ou historiadores, que compuseram esta história. Lembre-se de que mencionei na semana passada o termo "História

Deuteronomística”. Você pode usar esse termo de uma maneira que eu consideraria legítima, e também pode ser usado de uma maneira que eu acho que viola uma visão elevada das Escrituras. O termo em si foi popularizado por Martin Noth, que é a sua ideia de que houve um escritor vivendo no período exílico que foi então influenciado pelo livro de Deuteronômio. É claro que Noth entendeu que o livro de Deuteronômio não era mosaico, mas datado de 621 aC, na época de Josias, pouco antes do exílio. Mas este escritor que vivia no exílio foi influenciado pela teologia de Deuteronômio e então compôs todo o corpus de material que vai desde o livro de Deuteronômio até o final de 2 Reis. Mas Deuteronômio foi um prefácio, pode-se dizer, de sua obra. Ele contém sua teologia que ele queria refletir no resto da obra, então Josué, Juízes, Samuel e Reis são todos influenciados por esta história deuteronomista.

Ela representa a história de todo o período da história de Israel em Canã, escrita na perspectiva de um teólogo agrônomo, que é a História Deuteronomística.

Agora, considere as consequências. Isso força você a entender que muito do que está escrito nessa história não é um escrito histórico confiável porque é uma história distorcida com pontos de vista registrados que se enquadram nesse molde teológico. Ele está escrevendo tarde, projetando sua teologia em épocas anteriores e, ao fazer isso, está forçando as coisas a se conformarem a um padrão que na realidade nunca ocorreu. Parece-me que essa visão é algo incompatível com a Bíblia como Escritura.

No entanto, você pode usar esse termo para refletir algo que considero verdadeiro, ou seja, os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis refletem as ideias teológicas do livro de Deuteronômio. Não creio que haja qualquer dúvida sobre isso. A questão é que Deuteronômio deveria ser colocado onde a Bíblia o coloca, no tempo de Moisés, explicando o relacionamento do Senhor com seu povo na Aliança do Sinai. Essa relação é o que governou o curso dos acontecimentos ao longo dos séculos. Portanto, os escritores, que eu não consideraria como um escritor vivendo no exílio, mas o escritor do livro de Josué, o escritor do livro de Juízes, o escritor de Samuel, o escritor dos Reis, foram todas pessoas que se mudaram para lá. essa corrente de pensamento.

Assim , quando construíram a história desses vários períodos, contaram-na à medida que as coisas aconteciam, e as coisas aconteciam conforme tinham sido programadas, pode-se dizer, no livro de Deuteronômio. O Senhor disse que se você for obediente, haverá bênçãos; se você se afastar, haverá maldição . A história de Israel refletiu isso, acontecendo ao longo dos séculos. Então, nesse sentido, você pode dizer que há uma maneira legítima de falar sobre a teologia deuteronômista da história, mas vamos um pouco mais longe.

Caráter, Propósito e Ênfase dos Reis A. O escritor apresenta uma História dos Reis de Israel e Judá a partir de uma

Perspectiva da Aliança Um deles é o caráter e o propósito de 1 e 2 Reis, conforme visto por suas ênfases e estrutura. Em geral, penso que as seguintes observações podem ser fundamentadas a partir da reflexão sobre 1 e 2 Reis:

A. O escritor conta a história dos reis de Israel e Judá a partir de uma perspectiva factual. A tese orientadora é que o bem-estar da nação dependia da obediência do rei e do povo às suas obrigações da aliança, conforme definido na Aliança Mosaica. Acho que esse é um princípio fundamental do livro de Reis. Acho que se aplica igualmente ao material de Josué, Juízes e Samuel. Quando você chega a Reis, está falando sobre o Período do Reino e tem uma história desse período a partir de uma perspectiva factual. A tese norteadora é que o bem-estar da nação depende da obediência do rei e do povo às suas obrigações da aliança.

B. Avaliação Profética da História de Israel Baseada num Princípio da Aliança

B. A análise da história de Israel a partir desta perspectiva factual pode ser encontrada em Josué até 2 Reis. Esses livros são chamados coletivamente de “Os Antigos Profetas” na tradição judaica. Há um sentido muito real em que se pode dizer que estes livros contêm uma avaliação profética da história de Israel, baseada num princípio de aliança. Acho que o termo “Antigos Profetas” é uma boa designação para o que normalmente chamamos de livros históricos.

Muitas vezes pensamos na história como um tipo de narração de eventos imparcial e objetivo. Mas acho que a escrita da história real sempre envolve perspectivas. Um historiador avalia o que aconteceu de acordo com certos critérios, julga as coisas e anota qualquer que seja o ponto de partida. Os escritores destes livros de Josué a 1 e 2 Reis estão trazendo esta perspectiva factual para a sua avaliação do que estava acontecendo em Israel. Isso se reflete, eu acho, uma interpretação profética, você poderia dizer. É uma revelação do significado do que estava acontecendo. É uma interpretação profética, que eu diria, é uma interpretação inspirada. É nesse sentido que temos diante de nós a visão do próprio Deus sobre qual foi o significado desses eventos.

A história é uma coisa muito misteriosa. Se você tentar avaliar a importância ou significado dos eventos, e como Deus está trabalhando e o que Deus está fazendo na história, você terá muitas opiniões diferentes. Você pergunta a uma pessoa, seria uma coisa, e a todos os outros seria outra coisa. Pode ser uma coisa muito evasiva. A menos que você tenha a palavra divina que interpreta, acho muito difícil entender exatamente como avaliar o que está acontecendo. Isso é o que temos em Josué, Juízes, Samuel e Reis; é uma interpretação inspirada da história.

C. Ponto de vista factual do autor/compilador de Reis

C. A seleção e o caráter do material incorporado em 1 e 2 Reis devem ser entendidos e avaliados em conexão com o ponto de vista factual de seu autor/compilador. Agora, digo autor/compilador simplesmente porque acho que o autor de 1 e 2 Reis foi alguém que usou fontes. Conversamos sobre isso na semana passada. Ele tinha diversas fontes à sua disposição; ele os utilizou, reuniu e criou este livro, mas fez isso de uma forma unificada; então você pode chamá-lo de autor/compilador. O propósito do autor não era apresentar uma história política e econômica do período do reino de Israel de acordo com os princípios da historiografia secular moderna. Não era o seu propósito. O escritor faz um julgamento factual, em vez de político-econômico, sobre o significado de vários reis e suas

ações.

Por exemplo, do ponto de vista do historiador secular, Onri foi um dos reis mais importantes do Reino do Norte. Mas seu reinado é encerrado em seis versículos, 1 Reis 16:23-28. Onri é mencionado nos registros sírios cem anos depois de sua época como um rei importante no Reino do Norte. Você poderia esperar que um israelita desse muita publicidade a Onri. Ele estabeleceu Samaria como capital do Reino do Norte e estabeleceu uma dinastia que durou bastante tempo. Ele era um rei importante. Não é de grande interesse o escritor de Reis: seis versículos.

De forma semelhante, o importante papel de Jeroboão II do norte é brevemente tratado em 2 Reis 14:23-29. Jeroboão II levou o Reino do Norte ao seu apogeu no sentido político e económico, estendendo mesmo as suas fronteiras muito, muito para o norte. Mas Jeroboão não tem muita importância no que diz respeito ao escritor dos Reis.

Josias como Exemplo Como outro exemplo, o autor não nos conta nada sobre os primeiros 18 anos do reinado de Josias, mas começa uma descrição de seu governo com a reforma iniciada no 18º ano de seu reinado. Segue 2 Reis 22:3. Há alguns capítulos ali sobre a reforma de Josias, quando ele chamou Israel de volta ao Senhor e celebrou a Páscoa. Eventos políticos importantes no antigo Oriente Próximo envolvendo o Egito, a Babilônia, a Assíria e uma grande mudança no poder geopolítico da Síria para a Babilônia são ignorados, exceto quando estão relacionados à morte de Josias. No tempo de Josias, houve uma grande transição de poder no mundo antigo. Essa transição de poder foi a mudança da dominação assíria para a dominação babilônica. O Egito envolveu-se nessa mudança de poder. Mas veja bem, esse é um daqueles momentos decisivos de grande importância no que diz respeito à história política. Kings nem sequer menciona isso. Kings diz qualquer coisa sobre isso. A única razão pela qual você percebe algo assim é porque o faraó Neco, do Egito, subiu para ajudar os assírios.

Josias, por alguma razão, Reis também não nos conta isso, mas ele saiu para tentar impedir Neco e foi morto, e somos informados de como ele foi morto nesta batalha com o

Faraó Neco, mas esse é o único razão pela qual foi mencionado. Não há nenhuma tentativa de avaliar o que estava acontecendo no cenário político internacional. Nada é dito sobre os motivos que levaram Josias a se opor ao Faraó Neco. Em vez disso, a preocupação é se os reis tiveram desvios notáveis da aliança ou renovações notáveis da aliança. Estes recebem mais atenção. Alguém como Josias, alguém como Ezequias, que teve reformas, renovações da aliança, recebe muita atenção. Então você encontra alguém como Manassés ou Acabe que se afastou da aliança e levou o povo à idolatria. Eles também poderiam receber muita atenção. Mas os Reis que recebem mais atenção, você vê, são aqueles reis que demonstram atitudes notáveis favoráveis ou desfavoráveis em relação às responsabilidades da aliança; são eles que recebem mais atenção.

Manassés como Exemplo Manassés, 2 Reis 21:1-19, é um exemplo de desvio da aliança. Aqui, novamente, é a sua desobediência à aliança que é enfatizada, e não as características políticas do seu reinado, como, por exemplo, o seu envolvimento na política assíria no Egito, que é ignorado por completo em 2 Reis. É conhecido por nós apenas por meio de registros assírios, onde Manassés é mencionado num texto de Esarhaddon e Assurbanipal. Veja, quando Reis trata do reinado de Manassés, não aborda qual foi o seu envolvimento no cenário internacional e político. Ele estava envolvido porque esses registros assírios fazem referência a isso. Kings não nos diz nada sobre isso. Reis nos conta sobre a maneira como ele se afastou do Senhor e da deportação de Manassés para a Babilônia. Ele foi deportado para a Babilônia pelos assírios; houve uma luta pelo controle da Babilônia naquela época entre babilônios e assírios, e este foi o início da ascensão da Babilônia. Mas a deportação de Manassés para a Babilônia e seu posterior arrependimento só são relatados em 2 Crônicas 33:10-13. Nem somos informados sobre isso em Kings.

Acabe é outro governante que recebeu tratamento extensivo, não tanto por causa da extraordinária importância política, mas por causa das sérias ameaças à fidelidade à aliança que surgiram em Israel durante o seu governo.

Do lado positivo, Ezequias e Josias recebem tratamento extensivo por causa do seu

envolvimento na renovação da aliança. É nesta perspectiva que se diz que todos os reis do norte fizeram o que era mau aos olhos do Senhor e seguiram o caminho de Jeroboão, filho de Nebate, que fez Israel pecar. Jeroboão, filho de Nebate, é o primeiro rei do período norte do Reino Dividido e criou aqueles bezerros de ouro em Dã e em Betel. Todos os reis do norte depois dele seguiram essa prática, e por isso dizem que fizeram o que era mau aos olhos do Senhor.

Tudo bem, esse era “C”, cuja ideia básica é que a seleção e o caráter do material incorporado em Reis devem ser entendidos a partir desta perspectiva factual. Não é um tipo de avaliação político-económica do período do reino em Israel – é uma avaliação factual.

D. O Autor Enfatiza a Inter-relação entre Profecia e Cumprimento

D. O autor enfatiza a inter-relação entre profecia e cumprimento nos desenvolvimentos históricos da experiência da nação de Israel. Há muita ênfase na profecia e no cumprimento. Por outras palavras, coisas aconteceram na experiência histórica de Israel. Fomos informados com antecedência e então eles aconteceram. Como Gerhard von Rad, *A Teologia Deuteronomica da História e 1 e 2 Reis*, em “O Problema do Hexateuco e Outros Ensaio”, apontou, a predição e o cumprimento permeiam todo o livro dos Reis. Ele lista onze exemplos disso nos quais normalmente o cumprimento é introduzido com alguma expressão como: “De acordo com a palavra do Senhor que ele falou pela boca de [um determinado profeta]”, ou alguma citação de cumprimento semelhante. Você se deparou com isso onze vezes. O resultado desta ênfase no livro dos Reis é que a história deste período é apresentada não como uma combinação caótica de acontecimentos produzidos pela confluência acidental de certos eventos, mas sim como o curso da história de Israel é determinado por um Deus soberano que governa. toda a história e está guiando o próprio destino histórico de Israel de acordo com os seus propósitos.

Agora, essa é uma perspectiva da história, que existe um Deus que controla a história e que pode dizer antecipadamente que isto ou aquilo vai acontecer, e acontece.

Você encontra esse tipo de sequência em Reis: profecia e cumprimento à medida que avança neste período da história.

E. Os próprios profetas como mensageiros da aliança têm destaque

E. A profecia e o cumprimento não apenas desempenham um papel importante na estrutura do livro dos Reis, mas também os próprios profetas, em seu papel como mensageiros da aliança, recebem destaque. Elias e Eliseu recebem ampla cobertura em suas tentativas de desviar o povo da idolatria e devolvê-lo à obediência à aliança. Elias e Eliseu provavelmente recebem mais atenção nos livros dos Reis do que quaisquer outros dois indivíduos. Eles são muito proeminentes; há muito material dedicado ao ministério de Elias e de seu sucessor Eliseu. Outros profetas cujos ministérios são mencionados incluem: Ahijah, 1 Reis 11:29; Semias, 1 Reis 12:22; Jeú, 1 Reis 16:1; Micaías, 1 Reis 22; Hulda, 2 Reis 22:14; Jonas, 1 Reis 14:23-27; e Isaías, 2 Reis 19. Você percebe, apenas os dois últimos, Jonas e Isaías, são os chamados profetas canônicos, ou escritos, que nos deram um livro das Escrituras que leva seu nome. Os outros profetas, eles podem ter escrito, ou não, mas se o fizeram, não foi preservado e incluído no cânon das Escrituras. Mas há uma grande ênfase nos profetas e no papel dos profetas em chamar os reis à obediência ao caminho da aliança.

F. A promessa do Senhor a Davi misturada com obediência/desobediência à aliança

F. Embora o escritor enfatize a obediência ou desobediência de Israel às obrigações da aliança como de significado decisivo para o destino histórico, ao mesmo tempo ele reconheceu o significado de longo alcance da promessa do Senhor a Davi – que sua dinastia duraria para sempre. Este compromisso divino com a casa de David e com a cidade de Jerusalém, onde fez habitar o seu nome, foi também um factor determinante da experiência histórica de Israel. Isto é perceptível nas referências à “lâmpada” que o Senhor havia prometido a Davi.

Vejam algumas de suas referências para que você possa ver do que estou falando. 1 Reis 11:36: “Este é o tempo da divisão do reino e o Senhor diz: “Darei uma tribo a seu filho, [isto é, ao filho de Salomão], para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim. me em Jerusalém, a cidade onde escolhi colocar meu nome”. Quando Salomão se afastou do Senhor, e Jeroboão se rebelou na época da sucessão de Roboão ao trono de Judá, o Senhor disse que iria preservar a linhagem de Davi, dando a tribo de Judá a Roboão. A razão para isso é que “Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém”. A razão para isso é que Deus prometeu a Davi aquela dinastia eterna, e essa promessa tem um efeito no curso da história. O Senhor preservou o trono de Davi por causa de sua promessa.

Veja 15:4: “No entanto, por amor de Davi, o Senhor seu Deus deu-lhe uma lâmpada em Jerusalém, suscitando um filho para sucedê-lo e fortalecendo Jerusalém. Pois Davi fez o que era reto aos olhos do Senhor e não deixou de guardar nenhum dos mandamentos do Senhor todos os dias da sua vida, exceto no caso de Urias, o hitita”.

Veja, esse versículo deve ser lido com o que vem antes. Estamos falando de Abias e você lê no versículo 3: “Cometeram todos os pecados que seu pai havia cometido antes dele. Seu coração não estava totalmente devotado ao Senhor, seu Deus, como havia sido o coração de Davi, seu antepassado. Contudo, por amor de Davi, o Senhor deu-lhe uma lâmpada em Jerusalém, suscitando um filho para sucedê-lo”.

Veja, o que estou tentando enfatizar é que a promessa a Davi também é um fator no modo como o curso da história de Israel se desenvolve. Há uma série de outras referências a 2 Reis 8:19 como outra. Também aparece em referências mais gerais à promessa a David (1 Reis 8:20, 25; 9:5), e ao impacto que isto tem sobre desenvolvimentos históricos específicos na história posterior de Judá. Veja 1 Reis 11, 12 e 13:11-32. O escritor dos Reis está bem ciente de que outra coisa que foi um fator importante no curso da história de Israel foi a promessa que o Senhor fez a Davi.

G. A vida e o reinado de Davi são o padrão ideal pelo qual as vidas dos reis posteriores são

medidas

G. O escritor dos Reis não apenas enfatiza a promessa divina a Davi e sua casa e a influência que isso teve na experiência histórica de Israel, mas também usa a vida e o reinado de Davi como o padrão ideal pelo qual as vidas dos reis posteriores são medidas. E é aí que nos deparamos com essa frase com frequência, acabamos de ler uma delas, mas deixe-me escolher uma aqui arbitrariamente. Veja 15:11 porque está no mesmo capítulo ao qual estamos abertos 15:11: “Asa fez o que era reto aos olhos do Senhor, como seu pai Davi havia feito”. Veja, aquele tipo de expressão em que alguém faz algo pelo qual é elogiado, e então é feita uma comparação com Davi como o padrão pelo qual os reis são julgados, sendo Davi o ideal - isso é feito com frequência. Nisto o escritor mostra uma atitude positiva em relação à instituição da realeza em geral, e à de Davi especificamente. Não creio que se possa dizer que o escritor de Reis tenha uma atitude totalmente negativa em relação à realeza. Agora, é verdade que os reis ficam consistentemente aquém do ideal, e são condenados por isso, mas isso não significa que o escritor tenha uma visão totalmente negativa da realeza. Acho que isso se reflete na maneira como ele fala de David.

H. Objetivo de explicar a um povo no exílio o motivo da humilhação porque eles quebraram a aliança

Quando todos esses fatores, não me lembro quantos deles foram, mas de A a G são considerados juntos, parece claro que 1 e 2 Reis foi escrito para explicar a um povo no exílio que a razão de sua condição de humilhação é que eles eram um povo que quebrava a aliança. Lembre-se de que está escrito no exílio. Eles foram submetidos a julgamento, e aqui está a explicação do porquê, ao lembrarem sua história. Acho que está explicado muito claramente para eles. Deus é santo e justo ao trazer o exílio sobre eles.

Vemos isso em relação ao Reino do Norte em 2 Reis 17:6-23. Vejamos isso. Acho que é um capítulo importante porque é a queda do Reino do Norte e, quando isso acontece, é dada a explicação do motivo pelo qual o Reino do Norte foi para o exílio. Você lê nos primeiros 5 ou 6 versículos como os assírios vieram, invadiram Samaria, capturaram-na e depois deportaram os israelitas para a Assíria.

Veja o versículo 7: “Tudo isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra o Senhor, seu Deus, que os tirou do Egito, libertando-os do poder de Faraó, rei do Egito. Eles adoravam outros deuses e seguiam as práticas das nações que o Senhor expulsara de diante deles, bem como as práticas que os reis de Israel haviam introduzido. Os israelitas fizeram secretamente coisas contra o Senhor seu Deus que não eram certas. Da torre de vigia à cidade fortificada, eles construíram para si lugares altos em todas as suas cidades . Eles ergueram pedras sagradas e postes sagrados em todas as colinas altas e debaixo de todas as árvores frondosas. Em todos os lugares altos queimavam incenso, como fizeram as nações que o Senhor expulsara de diante deles. Eles fizeram coisas más que provocaram a ira do Senhor. Eles adoravam ídolos, embora o Senhor tivesse dito: 'Você não fará isso'. O Senhor advertiu Israel e Judá por meio de todos os seus profetas e videntes: 'Afastem-se dos seus maus caminhos. Observai meus mandamentos e decretos, de acordo com toda a Lei que ordenei a vossos pais que obedecessem e que vos entreguei por meio de meus servos, os profetas.'”

1 . Profetas Chamando-os de Volta à Aliança

Veja, essa era a função dos profetas, trazendo-os de volta à aliança, trazendo-os de volta à obediência à lei. “Mas eles não quiseram ouvir e foram tão obstinados quanto seus pais, que não confiaram no Senhor seu Deus.” E há o versículo 15: “Eles rejeitaram os seus decretos e a aliança que ele tinha feito com seus pais, e as advertências que ele lhes tinha dado.” Esse é o cerne da questão. “Eles rejeitaram seus decretos e a aliança.” Eles seguiram ídolos; eles imitaram as nações. Versículo 16: “Eles abandonaram os mandamentos do Senhor.” Versículo 18: “Então o Senhor irou-se contra Israel e os afastou da sua presença”. Essa é a questão, e o livro dos Reis explica a um povo no exílio porque está nesta situação em que se encontra.

Observe como o versículo 18 continua; porque este capítulo está no contexto da queda do Reino do Norte. Claro, o escritor está vivendo no exílio, ele está vivendo na época em que o Reino do Sul fazia a mesma coisa. E então, veja o que ele diz: “Somente a

tribo de Judá sobrou, e nem mesmo Judá guardou os mandamentos do Senhor seu Deus”. Veja, é o mesmo julgamento que recai sobre Judá. Mesmo Judá não guardou os mandamentos do Senhor seu Deus, eles seguiram as práticas que Israel havia introduzido. Portanto, o Senhor rejeitou todo o povo de Israel. A explicação do capítulo 17 é na verdade uma explicação de por que não é aplicada apenas ao norte, mas igualmente ao sul. E esse é o problema. Eles rejeitaram a aliança. Então ele os afligiu, entregou-os nas mãos dos saqueadores, até que os expulsou da sua presença; isso está falando de Judá, o Reino do Sul. Ok, então vemos isso em relação ao Reino do Norte em 2 Reis 17:6-23. Vemos isso com respeito ao Reino do Sul em 2 Reis 17:18-20 naqueles dois versículos que acabamos de ver.

2 Reis 21 nos fala sobre o reinado de Manassés. E quando você lê sobre o reinado de Manassés, o mais ímpio dos reis do sul, o Senhor diz que por causa de Manassés, o exílio de Judá é inevitável. Vai chegar, está determinado, está definido. Depois de Manassés, você encontra uma reforma em Josias, mas não é suficiente. É tarde demais porque o julgamento foi determinado. Em 2 Reis 22 e 23, a reforma sob Josias é vista como muito pequena e muito tardia (ver 2 Reis 23: 26 e 27). Os versículos 26 e 27 dizem: “No entanto, o Senhor não se desviou do ardor da sua ira ardente, que ardeu contra Judá por causa de tudo o que Manassés tinha feito para provocá-lo à ira. Então o Senhor disse: 'Tirarei também Judá da minha presença, como removi Israel, e rejeitarei Jerusalém, a cidade que escolhi, e este templo, sobre o qual eu disse: 'Ali estará o meu nome'”. o fato de ele ter feito com que seu nome habitasse no templo de Jerusalém não era algo que de alguma forma automática garantisse a sobrevivência contínua de Judá enquanto eles persistentemente se afastavam dele. Portanto, o livro é basicamente uma análise retrospectiva da história de Israel, dada para explicar as razões da destruição de Jerusalém e da experiência do exílio.

Isto não significa, contudo, que tudo esteja perdido e que não haja esperança para o futuro. O escritor mantém a promessa a Davi em vista ao longo da história. Apesar da desobediência de Israel e da consequente realização das maldições da Aliança do Sinai, as implicações da sua promessa a David para o futuro de Israel não são elaboradas ou

comentadas. Mas a promessa é proeminente no livro dos Reis como base sobre a qual Israel pode olhar para o futuro com boas razões para ter esperança em vez de desespero. É neste contexto que von Rad, em seu artigo “O Problema do Hexateuco”, diz sobre 2 Reis 25:27-30 – essa é a última seção do livro onde Joaquim, que havia sido levado para a Babilônia e colocado na prisão é libertado da prisão na Babilônia. Von Rad diz : “Obviamente, nada é dito aqui em termos estritamente teológicos. Mas uma indicação cuidadosamente medida é dada a uma ocorrência referida que tem imenso significado para o Deuteronomista, uma vez que fornece uma base sobre a qual Yahweh poderia construir ainda mais, se assim desejasse. De qualquer forma, o leitor deve entender esta passagem como uma indicação do fato de que a linhagem de Davi não chegou a um fim irrevogável.” No final do livro, a linhagem de David ainda está intacta. Joaquim ainda está vivo; ele foi libertado da prisão. Você não sabe o que vai acontecer além disso. O escritor não especula. Tudo bem, tudo isso estava sob este título, “O Caráter e o Propósito de 1 e 2 Reis conforme Visto nestas Ênfases e Estrutura”.

2. História Deuteronomística de Martin Noth e Gerhard von Rad

Deixe-me apenas dar uma ideia dos tipos de ênfase que você vê e como isso se reflete no propósito do livro. Tudo bem, “2” “Alguns breves comentários sobre as abordagens da história deuteronomística defendidas por Martin Noth e Gerhard von Rad.” Primeiro Martin Noth, ele foi o criador de toda esta “História Deuteronomística” no sentido técnico do termo. Martin Noth propôs a ideia de que todo o Deuterônomo até 2 Reis foi obra de um historiador deuteronomista da Era Exílica. A maioria vê, porém, que esta história deuteronomística carece completamente de uma visão para o futuro. O único interesse está no passado. Ele não vê nenhuma dimensão escatológica na obra e diz que o historiador deuteronomista em nenhum lugar afirma ou insinua que a história de Israel possa ter uma continuação além do desastre trazido sobre eles por Deus por causa de seu pecado. É uma história acabada. Ele observa que 2 Reis 25:27-30 não contém nenhuma referência à restauração futura, nem de forma alguma se presta a tal interpretação. Essa

perspectiva negativa que Noth considera consistente com Deuteronomio, que pronunciou maldições pela desobediência.

Agora, se você conhece Deuteronomio, você pode dizer: “E quanto a Deuteronomio 30?” Isto diz que o Senhor vai trazer arrependimento e, quando isso acontecer, a diáspora retornará. Noth vê Deuteronomio 30:1-4 como uma adição posterior. É tudo da série crítica. Quando uma passagem como essa não se enquadra na teoria, sempre se diz que ela não existia originalmente. Parece claro que neste ponto de vista há uma falha em dar atenção suficiente à promessa davídica e à sua função nas narrativas dos Reis. Acho que isso é algo que passa despercebido. Sua avaliação é muito negativa, mas o tema davídico que permeia o livro é algo positivo. É certo que aqueles reis que vieram na linhagem de David não viveram à altura do ideal, mas mesmo assim essa promessa permanece intacta. “Eu lhe darei uma dinastia que perdure” remonta a 2 Samuel 14:7.

Von Rad & Heilsgeschichte [História da Salvação]

Vamos para von Rad. Tanto Noth quanto von Rad são estudiosos modernos, racionalistas e críticos, e não estudiosos evangélicos. Embora esperasse a tese literária de Noth de um historiador deuteronomista, von Rad discorda da visão de Noth sobre o objetivo ou propósito do mundo. Central para a visão de von Rad da história deuteronomica é a teologia da “Palavra de Deus” – sua terminologia – que ele encontra nela. Esta palavra é proclamada pela primeira vez em Deuteronomio e depois repetida no restante do material. O que acontece é o efeito desta palavra suficiente. É o funcionamento desta palavra que faz da história *heilsgeschichte*, “a história da salvação”. *Heils geschichte* é um termo alemão para “história da salvação”. Esta palavra, no entanto, é ao mesmo tempo condenatória (como vista em maldições como Deuteronomio 28:15 e seguintes) e libertadora (como vista na promessa messiânica de 2 Samuel 7). Ambos são igualmente eficientes na história. O que aconteceu e o que acontecerá na história de Israel depende desta palavra dupla, que ele vê basicamente como lei e evangelho, e não dos acontecimentos em si. Por esta razão, a história de Israel está aberta ao futuro. O final de 2

Reis deixa espaço para o possível cumprimento futuro da promessa messiânica.

A história deuteronomística, então, não tem um propósito negativo apenas como aconteceu com Noth, mas está aberta à possibilidade de restauração da casa davídica. A visão de Von Rad parece fazer justiça ao conteúdo de Josué através de Reis melhor do que a de Noth; no entanto, a sua abordagem envolve uma série de suposições que roubam ao material o valor verdadeiro e permanente para nós como algo em que podemos fundamentar e fortalecer a nossa própria fé. Eu acho que isso é importante. Para Von Rad *historie* e *heilsgeschichte*, dois termos alemães referem-se a dois tipos diferentes de história. *Heilsgeschichte* é “história da salvação, e *historie* “história” no sentido do que aconteceu. *Heilsgeschichte* não é história no sentido do que aconteceu: é uma história acreditada, uma história confessada. *Historie* é história no sentido do que aconteceu. Para von Rad, *heilsgeschichte* e *historie* estão profundamente desconectados. Seu interesse não está na *história*, no que aconteceu, mas na *heilsgeschichte confessional* que ele encontra nas narrativas históricas do Antigo Testamento. Em última análise, isso significa que as narrativas históricas de Josué a 2 Reis não nos dizem muito sobre o que realmente aconteceu. Eles nos contam o que um certo teólogo que vivia no exílio acreditava sobre o significado teológico do passado de Israel e que implicações isso pode ter para o futuro.

Por exemplo, ao falar do alegado padrão obrigatório de unidade de culto, que é aplicado a todos os reis do período do reino pelo historiador deuteronomista, a visão de alguém como von Rad, na verdade, é uma visão generalizada, é este escritor tem esse ideal de que Deuteronomio exigia a centralização do culto. Havia apenas um lugar legítimo de adoração, e esse lugar era Jerusalém. Todos os reis de todo o período seriam avaliados quanto à conformidade ou não com esse padrão de centralização do culto.

Agora, a abordagem deles pressupõe que a ideia de centralização da adoração não surgiu até a época de Josias e do livro da lei que foi encontrado no templo de lá. Supostamente foi compilado durante o tempo de Josias e alegadamente ser Mosaico - quando na verdade não era - com o propósito específico de concentrar o poder em Jerusalém pelos profetas e sacerdotes de Jerusalém, confinando todo o culto legítimo em

Jerusalém. De acordo com o esquema de von Rad, isso remonta a Wellhausen: aquele movimento na história de Israel, de muitos locais de culto para um único local de culto, culminou no tempo de Josias. Então você vê o que está acontecendo aqui: ao falar do “suposto padrão obrigatório de unidade de culto que é aplicado a todos os reis do período do reino pelo historiador deuteronomista”, von Rad diz: “É certo que era desconhecido no Período Monárquico”. Essa é a demanda pela centralização do culto porque ela só surgiu em 621 AC.

Além disso, ele diz: “Em cada período da história, o passado é sempre, até certo ponto, mal avaliado pela aplicação subjetiva de padrões que se tornaram vinculativos numa época posterior”. Isso é o que ele está dizendo que aconteceu ao longo de toda esta história. Este padrão tardio foi aplicado a reis que viveram antes da época em que o padrão existia. Estão sendo julgados por um padrão que nem existia na época em que viveram. Ele diz: “Em todos os períodos, o passado é sempre, até certo ponto, mal avaliado pela aplicação subjetiva de padrões que se tornaram vinculativos numa época posterior”. No entanto, ele prossegue dizendo que: “Esta citação não significa que possa haver qualquer dúvida sobre a justeza objetiva, e na verdade sobre a necessidade, de fazer tais julgamentos”.

Observe que a objetividade é atribuída ao julgamento do teólogo, e não à facticidade dos eventos relatados. Acho que esse é o problema dele. Se você vai falar sobre objetividade de uma forma que seja significativa, parece-me que você deve falar sobre a objetividade dos fatos. Ele não está falando sobre fatos no sentido do que aconteceu. Ele está falando da objetividade desse julgamento, que é a aplicação subjetiva da lei antes de ela existir. Ele está tentando colocar algum tipo de objetividade em algo que obviamente não é isso, pelo menos pelo que entendi o que ele está dizendo.

Ele fala ainda das “deficiências óbvias da escrita histórica do historiador deuteronomista (*Teologia do Antigo Testamento* , p. 336). Ele diz: “O Deuteronomista não tinha mais à sua disposição padrões sólidos para muitos dos acontecimentos do passado, mas a sua preocupação é apenas com o significado teológico dos desastres que se abateram sobre os dois reinos. Foi essa preocupação que suscitou essa perspectiva da história.”

Em outro lugar, von Rad fala do historiador deuteronomista trabalhando com uma ampla variedade de materiais tradicionais. Ele diz: “Muitas vezes este material não se acomodava prontamente à atitude teológica básica do Deuteronomista. Por exemplo, o material referente à aliança davídica”, diz von Rad, “é totalmente não-deuteronomista. Mas o historiador deuteronomista não o excluiu por esse motivo.”

História Deuteronomista versus Aliança Davídica A razão pela qual é não-deuteronomista é que o material sobre Davi é positivo. A ideia é que as pessoas influenciadas por Deuteronomio eram contra a realeza porque a realeza violava inerentemente a realeza do Senhor. O material sobre Davi é positivo, por isso não se enquadra na teologia deuteronomista.

Acho que isso é um equívoco em si, mas é assim que ele está lendo. O que ele diz é: “Esse material da aliança davídica é totalmente não-deuteronomista, mas o historiador deuteronomista não o excluiu por esse motivo. Isto reflete a ideia de que existe um conflito básico entre as alianças Mosaica e Davídica, cada uma refletindo uma tradição diferente e interesses diferentes.” Essa é a opinião de von Rad. Você tem aqui duas tradições diferentes que não devem ser harmonizadas, então você postula um conflito entre a aliança do Sinai e a aliança davídica.

Ele diz em *O Problema do Hexateuco*: “Ao assumir esta tradição fortemente estabelecida, o Deuteronomista afastou-se imediatamente de seu clima nativo do livro de Deuteronomio, de onde se originou seu ponto de vista teológico. A ampla extensão com que o Deuteronomista emprega suas tradições mostra que as tradições Deuteronomistas não poderiam se firmar aqui. A concepção messiânica, obviamente muito poderosa, irrompeu e exigiu uma audiência.” Então este escritor, trabalhando com estas diferentes tradições, eram ambas tão fortes que não conseguiu excluir as coisas davídicas, então tenta incorporá-las, mas está em tensão contra a teologia Deuteronomista; pelo menos essa é a opinião de von Rad.

Quando se compreende a atitude negativa de von Rad em relação à historicidade das

narrativas históricas de Josué através dos Reis, somos forçados a concluir que a sua ênfase no funcionamento da palavra de Deus na história de Israel [e ele frequentemente fala sobre isso], não é algo que tem uma realidade conforme relatado, mas é antes uma construção teológica do teólogo deuteronomista. O funcionamento da palavra de Deus é na verdade apenas uma construção do teólogo deuteronomista na visão de von Rad.

Análise de *Historie versus Heilgeschichte* de Vannoy Acho que você pode pegar muito do que ele diz sobre a palavra de Deus e sua função de uma forma legítima e realmente aprender algo com isso - se você puder separá-lo de sua construção, isso lhe dará uma aparência totalmente diferente. significado. Esta divisão entre *heilsgeschichte*, “história confessional”, e *historie*, no sentido de história ou de coisas que realmente acontecem, é o maior problema da abordagem de von Rad à literatura do Antigo Testamento. Embora muito possa ser aprendido com a análise teológica do Antigo Testamento de von Rad, isso deve ser colhido dele e transposto para uma abordagem que evite o conflito inerente que o sistema de von Rad promove entre a verdade histórica e a verdade religiosa. Para von Rad, a verdade histórica e a verdade religiosa funcionam em dois níveis diferentes. Parece-me que o modelo bíblico é que a verdade religiosa se baseia na verdade histórica; os dois trabalham juntos.

Mas v sobre Rad está dando uma construção teológica. Ele está simplesmente atribuindo referências históricas ao escritor que viveu no exílio e esse escritor está representando a história de Israel de tal forma que a palavra de Deus teve um papel e função proeminente na determinação do curso da história de Israel enquanto ele a escrevia. Mas é uma história confessada; é uma construção teológica. Ele não está falando sobre algo que realmente aconteceu na realidade nesse sentido.

Transcrito por Nathan Levad, Peter Lee, Moriah O'Neil, Valerie Plichta, Erika Sanderson,
Charaliz Isaac e editado por Peter Story
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.

